

FORMA E FLUXO A NATUREZA NA CIDADE EM DUAS TENDÊNCIAS

José Otávio Lotufo*

*Arquiteto e urbanista pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1996); Mestre na área de Projeto Arquitetônico pela FAU-USP (2011); Doutorando na área de Projeto Arquitetônico pela FAU-USP.
e-mail:jol@usp.br

RESUMO

Na discussão sobre o futuro das cidades duas tendências contemporâneas se propõem como caminhos de desenvolvimento. Uma lança o olhar ao passado e a outra ao futuro. O modo como relacionam construção e natureza tem grande importância na integração entre cidades e ecossistemas. O presente trabalho propõe assimilar as qualidades e superar as contradições da cada uma, introduzindo uma dimensão sensível capaz de integrá-las.

Palavras-chave: ecologia urbana, ecossistemas, arquitetura, urbanismo, Infraestruturas verdes.

SHAPE AND FLOW NATURE IN THE CITY ON TWO TRENDS

ABSTRACT

Discussions about the future of cities propose two contemporary trends as development paths. One focuses the past and the other the future. The way how construction and nature are related has great importance in the integration of cities and ecosystems. This paper proposes to assimilate the qualities and overcome the contradictions of each, introducing a sensible dimension able to integrate them.

Keywords: urban ecology, ecosystems, architecture, urbanism, green Infrastructures.

“Torna-se fundamental uma transição gradativa das formas vegetais para as arquitetônicas, assim como em alguns tipos de música os diversos acordes destoantes se combinam em transições de extrema harmonia.”

(CAMILLO SITTE. O verde na metrópole)

INTRODUÇÃO

Este estudo toma como referência duas tendências contemporâneas do pensamento urbanístico. Ambas se propõem como caminhos para o desenvolvimento de projetos mais sustentáveis frente às incertezas de um mundo em crise. Recentemente um caloroso debate¹ se travou entre elas sugerindo, num primeiro momento, uma oposição que se estende desde questões técnicas até ideológicas. Uma análise imparcial, no entanto, pode confrontar seus pontos positivos e negativos, já apontados por teóricos de ambos os lados.

Estas tendências estão bem representadas pelo New Urbanism e pelo Landscape Urbanism. Apesar de não se encerrarem nelas ambas servirão para nós como referências. Ainda que formulados originalmente em um contexto norte-americano, estes modelos já evoluíram para além daquelas fronteiras através de aplicações teóricas, práticas, contribuições mútuas e um debate produtivo.

Este trabalho propõe integrá-los como dois braços que cooperam numa ação conjunta, partindo da hipótese de que qualquer opção unilateral entre tradição e inovação deixará de fora algo importante. Um destes, na retaguarda, busca na cidade tradicional o resgate de características apagadas pelas grandes transformações urbanas do último século. O outro, na vanguarda, busca integrar o espaço natural e o construído em cenários futuros inéditos.

Enquanto resgate da cidade tradicional, o New Urbanism parece contradizer-se em um ponto: ele é muito cartesiano. Isto terá implicações tanto ecológicas como fenomenológicas. Camillo Sitte, ainda no século XIX, se opôs ao formalismo cartesiano enquanto

¹ Revista Labverde n.o 4, Natureza e Sociedade: Novos Urbanismos e um Velho Dilema, J. O. Lotufo

defendia características pitorescas da cidade tradicional. Ainda antes, esta defesa já ocorrera no século XVIII no movimento em defesa do Pitoresco no desenho dos jardins.

Apresentaremos os conceitos do Pitoresco através dos estudos de Nikolaus Pevsner, contestando a definição comum que o associa a aspectos superficiais e meramente estéticos da paisagem e demonstrando sua importância ecológica e sensível.

O Landscape Urbanism, por sua vez, será apresentado como um paradigma novo, com seus prós e contras. O ponto de inflexão será a questão levantada frente à *forma* e o *fluxo*. Sua principal oposição ao New Urbanism se dá em relação a um “formalismo” excessivo que estaria engessando processos sociais e ecológicos. O Landscape Urbanism propõe que o *fluxo* ou *processo*, substitua a *forma* na concepção do desenho. Este preceito, já presente no Pitoresco, assumiu com o Landscape Urbanism dimensões menos empíricas, e sua desmaterialização será alvo de importante crítica. A maior contribuição do Landscape Urbanism foi trazer informações que escapam do tradicionalismo, fazendo referência a um mundo que difere daquele do passado: um mundo de mudanças climáticas, escassez de recursos, novas tecnologias, incertezas e complexidades.

O PITORESCO ONTEM E HOJE

Existe uma ordenação complexa na natureza que extrapola o entendimento mais consensual sobre “ordem”. No contexto de uma crise ambiental sem precedentes deveríamos refletir o quanto a falta de uma consideração mais cuidadosa desta complexidade poderia estar na raiz da crise.

Não obstante ao fato de nos parecer caótica, esta ordenação rege o universo que nos cerca. Na prática, nossa visão mecanicista do universo ainda se traduz numa técnica rudimentar, uma simplificação artificiosa e pouco eficiente quando comparada ao funcionamento dos sistemas e organismos naturais.

Nosso modelo de produção e consumo não está em simbiose com o meio ambiente como estão as espécies que constituem um ecossistema. Em nosso atual estágio tecnológico agimos mais como parasitas. Em nossa arrogância, nos impomos como a espécie que reina sobre todo o resto, nos supondo ordenadores de um suposto caos. Tentamos imitar a natureza edificando nossa técnica sobre suas leis, mas ao fazer isso, a usurpamos de forma grosseira. Nós que sempre estivemos sob o domínio de suas leis,

no entanto, insistimos em inverter o jogo na tentativa de subjugar-la. Persistimos numa atitude extrativista, irresponsável, esgotando os recursos e poluindo. Não deveríamos nos espantar com o fato de que mais cedo ou mais tarde esta “conta” será cobrada.

Hoje sabemos que ao insistir nesta postura estamos destruindo a base de nossa própria existência. A situação de nossas cidades, enquanto artefatos, reflete este modelo insustentável de pensamento e atuação. Se as cidades não assimilarem uma lógica de funcionamento mais atrelada àquele dos ecossistemas estaremos rumo a um desastre.

É hora de superar conflitos e nos reconhecer como parte inseparável da natureza, nos inserindo em sua rede sistêmica de forma harmônica. Se isto parece óbvio frente ao amplo debate sobre ecologia e sustentabilidade é notável como ainda persiste um condicionamento cultural, tão enraizado no pensamento humano, que até nas proposições mais avançadas reconhecemos sua permanência.

O movimento do Pitoresco foi uma importante contribuição conceitual sobre a dicotomia entre natureza e civilização e um importante esforço de conciliação. Etimologicamente ligado à pintura, portanto à contemplação de uma paisagem, não é raro que o Pitoresco seja usado para definir uma relação meramente estética com a cidade e os jardins. Propomos, no entanto, considera-lo de forma mais profunda. A referência que faz a impressões subjetivas da experiência do Belo e Sublime, como definiu Uvedale Price², lhe confere um caráter fenomenológico pelo qual se torna possível perceber qualidades inerentes ao lugar. Sua importância é reafirmar a relevância da experiência empírica capaz de extrair dados que escapem ao distanciamento teórico. A estética naturalista, muito além da simbologia e da mimese, decorre de uma sensibilização sobre as funções ecológicas e culturais do lugar.

Os estudos de Nikolaus Pevsner foram responsáveis por uma mudança na percepção da paisagem dentro do contexto urbano e uma importante referência para o desenvolvimento do conceito de paisagem urbana (*Townscape*) apresentado posteriormente por Gordon Cullen³. Mas enquanto Cullen enfatizou o espaço urbano construído, Pevsner enfatizou a ligação entre o Pitoresco e a necessidade de restabelecermos nossa ligação com a natureza.

² Ver tese de Luciana Schenk, *Arquitetura da paisagem, entre o pitoresco, Olmsted e o Moderno*.

³ CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. SãoPaulo: Martins Fontes, 1983.

Pevsner produziu uma série de textos nos anos 40 e 50, no contexto da crítica à produção urbanística da primeira metade do século XX. Mais tarde estes textos seriam reunidos e publicados por Mathew Aitchison no livro *Visual Planning and the Picturesque*.

Situado na gênese do pensamento organicista da arquitetura e urbanismo, que fez importante contraponto ao pensamento racionalista, foi também fundamental pela relevância que dá ao modo como o espaço é percebido por quem nele habita e circula. Muito além dos aspectos práticos e funcionais da escala humana, estes abordados pelo New Urbanism, traz uma dimensão fenomenológica que lhe escapa.

No século XVIII a dialética entre natureza e civilização se expressou na defesa do Pitoresco na paisagem dos jardins. Não mais a simetria, a regularidade, os desenhos geométricos, a previsibilidade e a poda artificiosa, mas uma ordem complexa e assimétrica do acaso, do inesperado e da surpresa, enfim, dos fenômenos da natureza, passou a ser a referência estética.⁴

Esta visão mais sensível à natureza se opunha à de caráter mais racional. Cada um destes partidos estéticos se alinhava ao viés intelectual de dois importantes países protagonistas do pensamento urbanístico. Na Inglaterra, terra de Francis Bacon, a estética é empírica, ligada ao corpo, à natureza e às idéias liberais. Na França, terra de Descartes, a estética é racional, ligada à mente, à técnica e ao controle sobre a natureza e sociedade. Estas duas vertentes deram forma, inicialmente, ao jardim inglês e francês, mais tarde estariam no âmago do organicismo e do racionalismo na arquitetura e urbanismo modernos. Como nunca foram estanques, estas correntes se alimentaram reciprocamente, porém uma predominância tecnicista veio a gerar um afastamento gradual do Pitoresco, mesmo nas propostas que deram continuidade à corrente orgânica.

O caminho do Pitoresco à Inglaterra passa pela visita de seus teóricos aos jardins renascentistas da Itália que, já envelhecidos pela ação do tempo, apresentavam transformações, algumas ruinosas, onde heras e musgos cobriam parcialmente as construções. Esta permissão à espontaneidade da vegetação e da ação do tempo sobre as construções suscitaria questões que inspiraram a idealização do Pitoresco.⁵

⁴ PEVSNER, Nikolaus. *Visual Planning and the Picturesque*. Los Angeles, Getty Publications 2010.

⁵ SCHENK, Luciana B. M.. *Arquitetura da paisagem, entre o pitoresco, Olmsted e o Moderno*. Tese de doutorado. Escola de Eng. de São Carlos, USP, 2008.

A defesa do Pitoresco é a daquela ordem natural, tão próxima de nós, que se expressa numa afinidade perceptiva, emocional e estética que sentimos no contato com a natureza. O Pitoresco é a expressão desta afinidade como necessidade vivida num mundo que tem sofrido há tempos as consequências deste afastamento. Inerente a esta estética há uma lógica orgânica capaz de integrar os processos ecossistêmicos, diminuindo ou eliminando os conflitos que a lógica tecnicista tem gerado.

O DECLÍNIO DO SUBÚRBIO JARDIM

O movimento New Urbanism se inicia no fim dos anos 70 e início dos 80 nos EUA, com a falência dos subúrbios jardins como ideal espelhado no “sonho americano”, e na esteira de importantes abordagens críticas do debate pós-moderno, como o livro de Janes Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities*, e nas propostas urbanísticas de Leon Krier.

Até meados do século XX o modelo de subúrbios jardins se estabelecera nos EUA como um ideal associado ao *american way of life*. Morar próximo à natureza com elevada qualidade de vida em casa unifamiliar, com privacidade, segurança, ruas arborizadas e tranquilas eram as qualidades inerentes a este modelo.

Embora desenvolvido como continuidade às ideias da cidade jardim, o subúrbio jardim norte americano nunca assumiu a função social do modelo proposto por Ebenezer Howard em seu livro *Cidades Jardins de Amanhã*, nem teve as qualidades das cidades jardins inglesas.

Na Inglaterra o movimento das cidades jardins surgira como continuidade a uma linha de pensamento cujas origens podem ser traçadas ao jardim inglês. Recebera também a influência de Camillo Sitte que alertara para o apagamento das características positivas da cidade tradicional pela modernização das cidades industriais.

Diferente das cidades jardins inglesas o subúrbio jardim norte americano parece não ter assimilado estas características. Estruturado pela construção de autoestradas, o automóvel foi um fator determinante deste ideal. Se no início do século XX o automóvel promovera a dispersão e o desenvolvimento dos subúrbios como resposta aos problemas da aglomeração nos centros urbanos, se tornaria mais tarde um dos principais fatores da decadência, tanto dos subúrbios quanto dos centros urbanos.

Nas décadas que se seguiram ao pós-guerra, regidas pela especulação imobiliária, a demanda por habitação estimulou o crescimento desordenado dos subúrbios existentes e a criação de outros novos. A expansão sobre áreas naturais e agrícolas criou conurbações de alto impacto social e ambiental. Na medida em que ruíam as qualidades do “sonho americano”, este modelo de ocupação do território se mostrava insustentável. O meio ambiente sofria forte degradação enquanto um sentimento crescente de isolamento e alienação refletia-se na desestruturação familiar, na segregação étnica e social, no aumento da criminalidade e na perda dos laços afetivos entre a população e o lugar. Como resposta a esta crise surge o movimento New Urbanism.⁶

A NATUREZA E O NEW URBANISM

O New Urbanism ganhou importância na discussão sobre cidades sustentáveis através de seu preceito mais fundamental: resgatar características da cidade tradicional através da criação de comunidades compactas vibrantes, tanto em cidades novas como no interior de cidades já existentes. Para isto, busca estimular a vida nas ruas adotando a escala humana e valorizando o pedestre com a boa qualidade das calçadas, ruas arborizadas e segregadas do tráfego e com a mescla de usos em distâncias passíveis de serem percorridas a pé entre moradia e trabalho, serviços, comércio e lazer; investe no transporte limpo e na mobilidade eficiente, em construções ecológicas, e na presença do verde.⁷



Figura 1 – Playa Vista
(fonte: *The New Urbanism. Toward an architecture of community*)

⁶ KATZ, P. (org). *The New Urbanism. Toward an architecture of community*. Nova Iorque, Mc Graw-Hill, Inc., 1994

⁷ KATZ, P. (org). *The New Urbanism. Toward an architecture of community*. Nova Iorque, Mc Graw-Hill, Inc., 1994

A princípio, a concepção tradicional de cidade se baseia numa distinção clara com o meio natural. O próprio conceito de civilização pressupõe esta separação baseando-se, em parte, na associação da natureza com a selvageria, hostilidade, corrupção, e imoralidade. A retomada da cidade tradicional, como propõe o New Urbanism, pressupõe a superação desta visão que, frente ao paradigma ecológico, sabemos ultrapassada. Assim o verde aparece através de uma intensiva arborização, canteiros, jardins, praças e parques. No entanto notamos que aquela distinção persiste no modo como se compõe a relação entre construção e espaços livres. Vincent Scully, um importante expoente do New Urbanism fizera a seguinte afirmação: *“Toda cultura humana deseja proteger os seres humanos da natureza (...) e mitigar os efeitos de suas leis imutáveis sobre eles. A arquitetura é umas das melhores estratégias neste esforço”*⁸. Essa afirmação tradicionalista transmite mais uma noção de conflito do que cooperação e estabelece limites bem definidos entre o que é e o que não é cidade.

Esta noção tomada como ponto de partida para o projeto o condiciona por um viés ecologicamente ineficaz. Ao reafirmar a cisão entre natureza e civilização, reproduz um distanciamento teórico e sensível. Ainda que a intenção seja a preservação das terras agrícolas e naturais através da contenção da expansão urbana, a eficiência desta técnica tem sido contestada. Alex Krieger em sua crítica ao New Urbanism⁹ afirma que a mera reposição de edifícios tradicionais na paisagem é insuficiente para impedir a expansão.

Há algo de essencial no que Camillo Sitte propôs em seu clássico, *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*, que difere fundamentalmente do New Urbanism. A espontaneidade, a irregularidade das ruas, a assimetria das praças e de suas relações com edifícios é uma crítica direta ao plano de Haussmann para a reforma de Paris, que apagara grande porção da cidade medieval. O New Urbanism adapta à escala humana os preceitos da tradição francesa, da qual Haussmann é um grande expoente. Esta tradição encontrou continuidade nos EUA através do movimento City Beautiful, e ressurgiu no New Urbanism através do traçado retilíneo das ruas, da regularidade das construções e da padronização paisagística e arquitetônica. Através deste raciocínio o desenho da paisagem submete o verde ao espaço

⁸ KATZ, P. (org). *The New Urbanism. Toward an architecture of community*. Nova Iorque, Mc Graw-Hill, Inc., 1994

⁹ Citado em, *The Landscape Urbanism: Sprawl in a Pretty Green Dress?*, por Michael Mehaffy

construído e ao traçado viário, de forma contida, repetitiva e uniforme (fig. 1). A forma como o New Urbanism considera a natureza na cidade expressa um duplo enquadramento, emoldura espaços verdes dentro da cidade e emoldura a cidade dentro da região natural. O New Urbanism insere a natureza na cidade condicionando-a a um desenho preestabelecido, não por critérios naturais, mas técnicos, não por uma estética orgânica, mas racionalista.

Para o ideário Pitoresco, trazer a natureza para o desenho requer que antes olhemos para a própria natureza como um jardim. Horace Walpole comentou sobre Bridgman and Kent: “Ele saltou a cerca e viu que toda a natureza era um jardim”. Stephen Switzer Por sua vez afirmou: “O jardineiro natural fará seu desenho se submeter à natureza e não a natureza ao seu desenho¹⁰.”

Comparemos o esquema de arborização para South Brentwood com esta fotografia de Oxford College Park (fig.4 e 5), veremos dois modos bem distintos de assimilação do verde na cidade.



Figura 4 – Esquema de plantio regular de árvores para South Brentwood, Calthorpe Associates (fonte: *The New Urbanism. Toward an architecture of community*)



Figura 5 – Vegetação em Oxford College Park (fonte: Google Earth)

Se observarmos a forma como a natureza se reapropria dos espaços nos edifícios em ruína, telhados e terrenos baldios teremos uma demonstração de sua força e resiliência. Ser resiliente é uma questão chave para garantir os serviços ecossistêmi-

¹⁰ PEVSNER, Nikolaus. *Visual Planning and the Picturesque*. Los Angeles, Getty Publications 2010.

cos, sistemas frágeis não são confiáveis em termo do oferecimento constante destes serviços, sistemas resilientes, sim. Michael Hough apontou em seu livro *Cities and Natural Process* como nestes espaços a natureza retoma seu lugar sem a ajuda do homem. A esta natureza subversiva deveríamos dedicar maior atenção, pois ela nos oferece lições valiosas. Se para nosso olhar doutrinado esta expressão natural é “erva daninha” e “mato”, é notável como supera as dificuldades e sua capacidade de adaptação. E mais importante, sua biodiversidade é bem maior e o seu grau de entropia bem menor que nos jardins cultivados. Os jardins naturalistas são mais sustentáveis e abrem caminho para uma revolução estética mais alinhada às necessidades ecológicas.

A ESCALA HUMANA

No New Urbanism a escala humana se foca na eficiência da mobilidade urbana baseada no acesso do pedestre às diversas atividades cotidianas, como moradia, escola, comércio, serviços, emprego e lazer. Visa substituir a escala baseada no deslocamento por automóvel, propondo uma cidade mais humana com ruas amigáveis e dimensões do espaço público que transmitam segurança e aconchego.

O Pitoresco oferece um contraponto sensível que parece escapar ao New Urbanism: o modo como, a partir da escala humana o espaço é percebido por quem nele vive e circula. Ao invés de grandes planos e esquemas teóricos, propõe que a escala humana seja percebida a partir da perspectiva do pedestre, numa abordagem menos racionalista e mais empírica, emocional e afetiva. Elementos como praça, construções ao redor, caminhos por becos e passagens, ruas sinuosas com larguras variáveis, ausência de unidade na aparência, surpresas a cada esquina ou portal definem uma experiência urbana única ¹¹.

Aqui entram os preceitos da diversidade e irregularidade. A escala humana, quando desprovida destes, não é suficiente, pois não inclui toda a necessidade da experiência humana, que fica fenomenologicamente empobrecida, enquanto o ambiente urbano fica ecologicamente fragilizado. Estes preceitos, por possuírem uma lógica inerente aos processos naturais, capacitam a integração da natureza de forma orgânica, possibilitando o usufruto de seus serviços ecossistêmicos.

¹¹ PEVSNER, Nikolaus. *Visual Planning and the Picturesque*. Los Angeles, Getty Publications 2010.

DIVERSIDADE E IRREGULARIDADE

O New Urbanism não nega o preceito de diversidade, mas o reduz ao uso do solo e ao social. Mesmo este último, defendido na teoria, foi objeto de crítica por David Harvey¹² que apontou seus perigos de segregação social e gentrificação¹³. Quais os meios para garantir a diversidade sociocultural frente à tendência contemporânea, e ao fechamento em comunidades autocentradas por sentimentos étnicos e nacionalistas, torna-se uma questão importante. Aprender com a natureza pode ser, talvez, uma forma de refletir sobre como a diversidade é positiva também em outras instâncias, como uma metáfora para a coexistência harmônica e pacífica entre as diferenças. Mas vamos nos ater, no entanto, naquilo que diz respeito ao desenho urbano e questões ecossistêmicas.

A diversidade se contrapõe à monotonia, previsibilidade, repetição e simetria; estimula os sentidos com diferentes contrastes de cores, formas, texturas, sons e aromas; inspira o espírito humano por sua beleza e surpresas. É uma riqueza que se expressa no corpo, emoção e imaginação, extrapolando o sentido meramente estético. Ian MacHarg já definira a diversidade como ecologicamente necessária, e Michael Hough a estendera ao social e energético. Quanto maior a diversidade menor a entropia, maior a resistência a tensões e menor a vulnerabilidade¹⁴, e assim, mais alta é sua resiliência.

O New Urbanism, por sua vez, determina uma uniformidade excessiva na arquitetura, traçado viário, arborização e desenho da paisagem. Mais do que a definição de recuos e densidade construtiva, determina através de manuais detalhados o estilo arquitetônico, elementos de fachada, mobiliário urbano, largura e materiais das calçadas e até quais espécies de árvores devem ser plantadas em espaçamentos regulares nas calçadas.

Até certo ponto a regularização pode ser positiva, porém em excesso torna artificiosos os lugares da cidade. O estilo tradicional temperado com a estética industrial, como propõe o New Urbanism, recai com frequência no artificioso, nos remetendo ao parque temático e a cenografia. Mas o habitante da cidade contemporânea se tornou tão

¹² HARVEY, David. *The New Urbanism and the Communitarian Trap*

¹³ Expulsão de população de menor renda pela valorização do solo urbano

¹⁴ Hough, Michael. *The Cities and the Natural Process*

familiar com esta artificialidade, associada ao consumismo, que só o contraste com a experiência de possibilidades mais sensíveis poderia lhe despertar para aquelas qualidades essenciais que o Pitoresco propõe.

Castle Combe, uma cidade pitoresca inglesa, parece brotar do sítio, enquanto Seaside, um ícone do New Urbanism, parece ter sido montada com peças produzidas em alguma indústria distante. Algo essencial as diferencia, tanto pelas construções como no modo como a natureza se integra. (fig.2).



Figura 2 – Esquerda: Castle Combe, Inglaterra (fonte: <http://www.vacationhomes.net> jan.2013). Direita: Seaside (fonte: *The New Urbanism. Toward an architecture of community*)

No século XVII, Sir Willian Temple em *Gardens of Epicurus* afirmara a superioridade da beleza na irregularidade devido a uma “extraordinária disposição da natureza”. Ele foi um dos primeiros a trazer o conceito chinês de **Sharawaggi**, a “desordem graciosa”. No século XVIII este conceito será retomado por Joseph Addison em *The Spectator*. Para ele o incomum e novo despertam prazer na imaginação ao “preencher a alma com agradáveis surpresas”¹⁵.

Para uma compreensão do espaço a partir de quem nele vive e circula, o Pitoresco sugere que se foque a pequena escala ao invés de grandes planos. Sugere uma compreensão menos técnica e mais sensível da cidade. O que está em jogo não é tanto a função utilitária, que por si parece fria e torna o homem mecânico. O Pitoresco não sugere máquinas, mas organismos, não a repetição industrial seriada, mas a diversidade e irregularidade inerentes aos organismos vivos e ecossistemas. As pessoas

¹¹ PEVSNER, Nikolaus. *Visual Planning and the Picturesque*. Los Angeles, Getty Publications 2010.

reconhecem e se identificam com a diversidade dos lugares, distinguindo-os, criando referências, laços afetivos. O uso de materiais diversificados na construção acentua esta experiência sensorial, principalmente quando são naturais e rústicos, ou quando se associam a coberturas vegetais.

O New Urbanism parece querer impor um censo comum a criar regras excessivas e restrições formais à cidade e construções. Neste ponto deveria existir um maior equilíbrio entre o planejamento global e a liberdade criativa do arquiteto. Ao impor referências culturais e regionais o faz de modo artificioso, nada que se assemelhe às vilas e cidades tradicionais. Falta-lhe certa espontaneidade que possa trazer à vida aquele caráter que torna cada lugar único e irreproduzível. Aqui que entra outro conceito importante ao Pitoresco, o que os romanos identificavam como *genius loci*.

O “ESPÍRITO” DO LUGAR

O poeta inglês Alexander Pope recuperou o conceito de *genius loci* como um princípio para a paisagem. Ele disse: “Ao esboçar um jardim a primeira coisa a ser considerada é o *genius* do lugar”. Este conceito na Roma antiga tinha um caráter mítico, em cada lugar reinaria um espírito que lhe conferiria características próprias. Hoje, como noção para uma abordagem sensível do lugar, esse conceito afirma que nenhum terreno se iguala a outro, guardando cada um suas características peculiares, sejam materiais, energéticas, biológicas, culturais, psicológicas ou históricas.

Por sua subjetividade o *genius loci* não é só observado, mas interpretado. Thomas Whately, escritor e jardineiro, usava a expressão “caráter do lugar” afirmando que deveríamos observar pacientemente a natureza antes de tentar imitá-la, considerando a importância da água e da variedade de espécies de árvores e arbustos como características únicas de cada lugar¹⁶. Willian Gilpin trouxe sua dimensão cultural ao enfatizar as associações sentimentais com ruínas e construções antigas. Ao despertar associações psicológicas e sentimentais somos conectados com a história do lugar, o que fortalece os laços afetivos. Este “espírito” do lugar consiste do elemento psicológico, ou conjunto de informações subjetivas que liga o ser humano à história cultural e natural do lugar. A negação do passado, a *tabula rasa* sobre elementos de valor histórico

¹⁶ PEVSNER, Nikolaus. *Visual Planning and the Picturesque*. Los Angeles, Getty Publications 2010.

ou naturais, como relevo, hidrografia e vegetação, destrói laços afetivos distanciando, física e espiritualmente, população e lugar.

No Landscape Urbanism este distanciamento também vai existir em algumas abordagens, não com a natureza preexistente à qual dá importância maior, mas frequentemente como os aspectos culturais. No entanto, alguns autores se sensibilizaram a esta necessidade. Para Kelly Shannon¹⁷ a origem do interesse do Landscape Urbanism na relação entre cultura local e civilização universal está no “regionalismo crítico” de Framp-ton, Tzonis e Lefaivre. Para tanto valoriza a topografia, o clima, a região, a ecologia, as habilidades artesanais e matérias locais. A paisagem é considerada como instrumento de resistência às tendências globalizantes e homogeneizantes do ambiente construído.

Segundo Tzoni e Lefaivre¹⁸ esta definição de lugar deve ir além de questões étnicas e se opor ao “germe da insularidade nacionalista”. Para isto o regionalismo é obtido através do recurso da “desfamiliarização”, quando os “elementos definidores do lugar” são incorporados por “estranhamento”, através da recomposição num contexto contemporâneo dos elementos regionais ligados historicamente à formação do *genius loci*. O efeito deve ser o contrário da narcotização causada pela rotina, pelo familiar, pelo que é óbvio e repetitivo. Este “estranhamento” deve levar o “observador a um estado metacognitivo, uma democracia da experiência”. Não destrói o *genius loci*, nem força sua permanência, e sim reconhece que ele evolui, participando na reconstituição do lugar.

CIDADES PARA PESSOAS, UMA VERSÃO EUROPÉIA PARA O NEW URBANISM

Livre das padronizações estilísticas do New Urbanism norte americano, o discurso de Jan Gehl¹⁹ parece adotar uma perspectiva menos focada no desenho, em seu sentido tradicional, e mais focada na vida humana.

Segundo ele, dois fatores a partir dos anos 60 tiveram grande impacto sobre a qualidade de vida nas cidades: a necessidade de se construir rapidamente para atender à demanda do crescimento e a invasão do automóvel.

¹⁷ From Theory to Resistance: Landscape Urbanism in Europe , em Landscape Urbanism Reader

¹⁸ Alexander Tzonis e Liane Lefaivre, em Porque regionalismo Crítico?, em Uma Nova Agenda Para a Arquitetura.

¹⁹ GEHL, Jan. Cities for people.

Gehl compartilha com o Landscape Urbanism a ideia de que a representação através de plantas, elevações e fotografias é insuficiente para reunir todas as informações importantes que o desenho urbano requer. Segundo ele, este modo tradicional de representação tem criado uma obsessão pela forma, tanto por parte dos arquitetos e seus clientes como no ensino de arquitetura. Quando a forma passa a ser a principal preocupação a vida é esquecida, diz. Mas enquanto o Landscape Urbanism se preocupa com ambientes naturais, espaços residuais e infraestruturas de grande porte, Gehl se foca na razão de ser das cidades: as pessoas.

Gehl compartilha com o Pitoresco o conceito de que a percepção direta do espaço urbano é imprescindível para revelar as necessidades humanas, e para ele o nível da rua, o espaço público e suas articulações devem ter uma atenção especial. Afirma que não se pode projetar como quem sobrevoa de avião uma cidade, inserindo edifícios num cenário para ser visto de longe. É necessário perceber o que ocorre entre os edifícios, entre as pessoas, conhecer seus desejos, sonhos e necessidades.

Jan Gehl aborda a vida enquanto vida humana. Se ampliarmos esta visão para onde a própria vida humana se apoia, acrescentaremos à visão antropocêntrica, a biocêntrica. Ellis²⁰ propôs que atualmente, quase todo “bioma” é na verdade, um “antroma” porque já sofreu algum grau de modificação pelo ser humano. Assim, as cidades em todas as suas relações, desde as escalas setoriais até as regionais e planetárias, passam a ser encaradas como constituintes de uma grande rede de antromas e áreas naturais. Esta visão é mais bem abordada pelo Landscape Urbanism.

O LANDSCAPE URBANISM

O projeto da paisagem foi tradicionalmente definido como o desenho dos espaços remanescentes das construções. Na escala urbana esteve restrito ao desenho de jardins, praças e parques como espaços saudáveis para mitigar os efeitos negativos da urbanização. Para o movimento Landscape Urbanism este conceito limita o potencial transformador da paisagem, portanto deve ser superado.

A proposta do Landscape Urbanism é que a paisagem seja uma prática híbrida e multidisciplinar e que conteste sua separação da arquitetura e do urbanismo. O movi-

²⁰ Anthropogenic transformation of the biomes, 1700 to 2000

mento surge na trilha de teóricos como Patrick Geddes, Lewis Mumford e Ian McHarg, que compreenderam a cidade em seu contexto regional, em suas relações com a geografia, geologia, hidrografia, ecologia, agricultura e todo o conjunto de atividades humanas. Mas o Landscape Urbanism reconhece neles a persistência da dicotomia entre natureza e civilização: para seus teóricos as concepções tradicional e a moderna teriam falhado neste ponto.

James Corner teoriza a prática do Landscape Urbanism em quatro temas: o processo no tempo, a preparação de superfícies, o método operacional e o imaginário. A substituição da *forma* pelo *processo* é um preceito que transpassa cada um destes temas e, como veremos, será também o seu ponto frágil, quando desconectado de sua dimensão empírica.

TEMPO E PROCESSO

O paradigma industrial dera origem ao conceito de “máquina de morar”. Aplicada ao complexo urbano este conceito gerou a ideia de “cidade como máquina”²¹. O dogma modernista “forma segue função” atendia a um conjunto específico de funções, limitado pelo filtro conceitual mecanicista. A totalidade das funções essenciais dentro do sistema não era contemplada, prejudicando a dinâmica dos processos naturais e urbanos. Com o passar do tempo, os modelos mecanicistas se comprovaram inadequados e o paradigma ecológico demandou um avanço na conceituação de *funcionalidade*.

A partir da crítica ao urbanismo moderno o Landscape Urbanism desenvolve um olhar sobre a cidade que contesta a “tentativa de conter a multiplicidade dos processos urbanos dentro de um formalismo espacial rígido”, defendendo que o *processo* no tempo deva ser mais importante que a *forma* no espaço (James Corner). O espaço é então pensado como um sistema adaptável onde a função é modificada pelos usuários através do tempo. Este “indeterminismo programático” remete aos conceitos teóricos de Rem Koolhaas que – “apesar de suas fracas credenciais ecológicas²²” - se tornou uma referência marcante para algumas formulações teóricas do Landscape Urbanism.

²¹ The emergence of landscape urbanism, Grahame Shane, em Landscape Urbanism Reader.

²² Richard Weller, em Landscape Urbanism Readers.

Koolhaas propusera a “irrigação dos territórios com potencial”. Seu projeto para o concurso do Parc de La Vilette, em Paris, assim como o do vencedor, Bernard Tschumi, constituem um marco conceitual para o Landscape Urbanism ao representarem estratégias de ordenar as mudanças programáticas e sociais no decorrer do tempo²³. Ao mesmo tempo em que abriram caminho para uma lógica inerente aos processos ecossistêmicos criaram bases de uma planificação que corresponde a condições econômicas e culturais determinadas pela não localidade, descentralização, mobilidade de capital, bens e pessoas. Em vez de ser lida em termos espaciais formais a cidade deveria ser lida como um sistema de fluxos espaço temporais.

Estariam estas “condições econômicas” de acordo como uma funcionalidade ecossistêmica, como deseja seus defensores? Douglas Spencer discorda e propõe uma renovação crítica do movimento, para além das condições urbanísticas das quais surgiu, mais especificamente as norte americanas²⁴.

Segundo ele, esta apologia ao “processo” atende a imperativos econômicos em circunstâncias históricas específicas. A supressão do ambiente construído, assim como dos mecanismos regulatórios que sustentaram modos anteriores de produção, seria uma demanda do empreendedorismo neoliberal. O objetivo é tornar a cidade acessível à especulação financeiro-imobiliária, inserindo-a na economia global, principalmente através de empreendimentos de renovação urbana. Diferente dos EUA e Europa Ocidental, que experimentaram essas renovações no contexto pós-industrial, os países expostos mais recentemente aos mecanismos do mercado sentiram seus efeitos de forma dramática.

Julgar que, do ponto de vista ecológico, qualquer processo é melhor que uma forma fixa, é uma falácia. A ecologia não consiste somente de processos, mas também de estruturas relativamente fixas, como as geológicas e topográficas; na natureza, forma e processo coexistem. Por outro lado pragas e epidemias, por exemplo, são processos patológicos, assim como podem ser certos processos econômicos. Segundo Spencer, na China, nos 20 anos que se seguiram às reformas econômicas, a transformação territorial produziu cerca de quatrocentas novas cidades. Uma crescente disparidade de renda entre população urbana e rural gerou setenta milhões de

²³ Carles Waldhein, em *Landscape Urbanism Readers*

²⁴ *The Obdurate Form of Landscape Urbanism: Neoliberalism, Designs and Critical Agency*

migrantes permanentes, problemas ambientais como a exaustão do solo e poluição, perda de extensas áreas produtivas, assentamentos precários e sérios problemas de segurança alimentar.

Descomprometida com estes problemas, uma forma obstinada de Landscape Urbanism se satisfaz em reproduzir argumentos para mobilidade, conectividade e flexibilidade, quando este tipo de superfície, infinitamente reprogramável, funciona como o campo ideal para os imperativos neoliberais. Dentro de certas condições esta obstinação torna-se um obstáculo significativo para o desenvolvimento de “práticas criticamente engajadas com a integração entre ecologia e justiça social”.

O *processo* no desenho urbano não é necessariamente aquelas abstrações teóricas ideologicamente engajadas. Através da experiência direta do espaço o *processo* se dá tanto nele como naquele que o experimenta; trata de nossa conexão com o solo, com a vida cotidiana, com associações de pertencimento, com o que ocorre na escala humana, ao alcance dos sentidos e ao nível do chão. Para Pevsner a forma orgânica responde a outros imperativos, não necessariamente econômicos, ideológicos, ou tecnicistas. A coexistência e cooperação entre forma e fluxo estão presentes no relevo, hidrografia e biota, e na cidade através das relações entre diversos tipos de infraestruturas, naturais e tecnológicas. Estão também no modo como nos apropriamos do espaço, nas diversas atividades cotidianas, nas relações humanas, físicas e afetivas.

Douglas Spencer também parece propor uma integração entre forma e fluxo quando deseja ir além dos interesses neoliberais. Sua vertente do Landscape Urbanism se dirige às especificidades concretas de cada território. Sem renunciar à forma, ele a toma como veículo através do qual contempla cenários urbanos possíveis, evitando tanto as armadilhas do determinismo inflexível quanto as de uma soltura radical. Através da criação de topografias artificiais, o solo se torna um instrumento estruturador de relações entre fatores ambientais, sociais, econômicos e culturais.

A PAISAGEM COMO INFRAESTRUTURA

A integração entre as infraestruturas naturais e tecnológicas é um tema importante ao Landscape Urbanism. A noção da natureza como infraestrutura a define como um conjunto de serviços ecossistêmicos que, integrado ao espaço construído, traz benefícios econômicos, sociais e ambientais.

Esta integração consiste em criar continuidades em diversas escalas, rompendo fronteiras e formando uma rede que abrange todo o tecido urbano e o conecta à natureza além da cidade. Ao incluirmos as coberturas e fachadas verdes, toda a superfície urbana se torna um meio através do qual se integram paisagem e construção. Neste sentido Corner define o tema infraestrutura como a “preparação de superfícies”.

Grande porção dos problemas ambientais urbanos se deriva pelo impacto de grandes infraestruturas tecnológicas. Para que estas possam superar o seu protagonismo num cenário de devastação, torna-se necessário ir além de seu monofuncionalismo e incluir todo o potencial social, cultural e ecológico dos espaços que ocupam.

A dedicação do Landscape Urbanism à infraestrutura viária é frequentemente interpretada como apologia ao uso do automóvel. Até certo ponto esta acusação tem fundamento uma vez que Charles Waldheim afirmou que “se você tem uma cultura que é fundamentalmente baseada no automóvel, então um modelo urbano que seja antiautomóvel é contraprodutivo”. A criação de novos valores na cultura é fundamental para que se estabeleçam modelos mais sustentáveis de produção do espaço, e, portanto um fator de alto impacto, ainda que cultural, não pode ser justificativa para a continuidade de modelos ultrapassados. Não estaria este posicionamento, mais uma vez, ocultando imperativos ideológicos?

Por outro lado, se as vias e autoestradas urbanas continuarão desempenhando suas funções ainda por muito tempo, a qualidade ambiental das áreas por onde passarão dependerá de preceitos sociais e ecológicos avançados. Neste sentido Jacqueline Tatom, em seu ensaio *Urban Highways and the Reluctant Public Realm* trata exclusivamente da infraestrutura de corredores viários ²⁵.

A investigação do desenho de vias requer compreendê-lo tanto em relação à seção longitudinal quanto à transversal. Aquela a relaciona com o fluxo de veículos enquanto esta com a paisagem na qual se inserem, respondendo assim a múltiplas funções do espaço público, como a mobilidade através de calçadas e ciclovias, gerenciamento das águas, provisão de áreas verdes e demais instalações públicas. Este preceito transfere para escalas maiores aquilo que o NewUrbanism propõe no interior de comunidades: desenhar ruas como espaço compartilhado com um conjunto de outras funções, além da locomoção dos veículos.

²⁵ Landscape Urbanism Reader

Além de considerarmos o potencial paisagístico das diversas infraestruturas urbanas devemos considerar a própria natureza na cidade como infraestrutura. A “infraestrutura verde”²⁶ se define como uma rede de áreas naturais e espaços abertos que inclui fragmentos de natureza, áreas de preservação, terras cultiváveis e outros espaços abertos. Basicamente esta rede se compõe de três elementos, os núcleos (*hubs*) que consistem das reservas florestais e grandes parques; os sítios (*sites*) que consistem de pequenos parques, praças, jardins, pomares e hortas urbanas; e as conexões (*links*) que unem o sistema através de caminhos e corredores verdes como vias arborizadas e parques lineares fluviais. Podemos incluir neste sistema os bairros jardins, que funcionam como pulmões verdes e amortecedores da temperatura, as construções ecológicas, que integram a superfície vegetal à arquitetura através de fachadas e coberturas verdes, e as diversas tipologias ecológicas de “drenagem”, como os jardins de chuva, biovaletas, lagos pluviais e *wetlands*²⁷.

A questão das infraestruturas, como tratada pelo Landscape Urbanism, abrange uma área normalmente tratada como meramente técnica, desconsiderando seu impacto no contexto urbano e dos ambientes naturais sob sua influência. Neste sentido a paisagem adquire novo significado.

PERCEPÇÃO, IMAGINAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.

As “geografias urbanas” previstas pelo Landscape Urbanism, em suas diversas escalas e como fruto de um trabalho coletivo, requerem novos conceitos, formas de representação e modos de operação muito além das formas tradicionais de desenho. Como afirmou James Corner “A imaginação coletiva, informada e estimulada pela experiência do mundo material, deve continuar a ser a motivação primeira de qualquer esforço criativo (...) não há uma carência de utopias críticas, mas poucas delas superaram a prancheta.”

A imagem da cidade que desejamos está, até certo ponto, condicionado por nossa experiência prévia. Se pretendemos avançar na idealização de uma cidade mais saudável torna-se necessário quebrar condicionamentos perceptíveis e conceituais. Para

²⁶ Mark A. Benedict e Edward T. McMahon. *Green Infrastructure, Linking Landscapes and Communities*.

²⁷ Infra-estrutura Verde: uma estratégia paisagística para a água urbana.

isso a experiência direta da cidade, tanto de seus aspectos positivos como negativos pode ser de grande ajuda, e isto deve ser experimentado coletivamente.

A participação da população no planejamento urbano não é questão meramente política. A construção da cidade é, antes de tudo, uma construção cultural e se não for devidamente imaginada em sua excelência não poderá se realizar como fato. A imaginação coletiva da cidade deve surgir de uma alimentação mútua entre uma multidisciplinaridade técnica e toda comunidade envolvida.

Um modo de estimular a imaginação coletiva é a criação de situações que a libertem dos modelos estéticos condicionados culturalmente por valores que não condizem com nossas necessidades ecológicas. Estas situações podem acontecer de diversas formas. A mais direta é a realização de um número crescente de projetos de referência para espaços públicos. Um projeto de qualidade informa, educa e transforma o modo como percebemos e concebemos o espaço, tanto trazendo informações novas como resgatando memórias antigas, criando laços afetivos entre população e lugar.

As instituições educacionais e as iniciativas culturais têm um papel fundamental neste processo e podem enriquecer esta experiência através de diversas atividades, como palestras, exposições, excursões, criação de hortas e pomares comunitários, aulas ao ar livre e passeio culturais e eventos educativos, além podem trazer também informações e referências de projetos de sucesso de outras cidades e países. Vale citar algumas iniciativas criativas que já têm colaborado bastante neste sentido. Seus efeitos estão se evidenciando em mobilizações e participações coletivas a favor de melhorias ambientais na cidade de São Paulo. Um bom exemplo é a iniciativa Rios e Ruas ²⁸, que promove expedições a pé e de bicicleta, conscientizando a população dos rios urbanos canalizados sob o asfalto e o concreto. A conscientização é o primeiro passo de um processo de longo prazo, e aos poucos a criação de parques lineares e renaturalização de trechos de rios já começa a ser pauta em reuniões de comunidades de bairro e nas discussões sobre planos diretores.

A iniciativa Árvores Vivas ²⁹ é outra que surgiu e cresceu em associação com o movimento Rios e Ruas, devido à afinidade de seus criadores e à estreita relação entre

²⁸ <http://rioseruas.wordpress.com/>

²⁹ <http://www.arvoresvivas.com.br/>

árvores e cursos d'água. Promovendo visitas a parques e praças, informa e sensibiliza as pessoas sobre a natureza na cidade e suas árvores. Poderíamos citar diversas outras iniciativas que, por exemplo, promovem a criação de hortas urbanas, zelam pela conservação de praças ou promovem o plantio de mudas através de passeios ciclísticos. Impulsionado pelas novas tecnologias de informação e organização em redes, o acúmulo destas experiências pode tornar uma cidade grande como São Paulo uma referência em movimentos ambientais urbanos.

Por contraste, duas imagens vão se informando mutuamente, a da cidade que temos e a da cidade que desejamos, realimentando nossa ideia de “cidade boa”. Esse desejo pode funcionar como a mola propulsora de um movimento participativo, cultural e ecológico por uma cidade mais verde e acolhedora para todos.

Ainda que Cristophe Girot aponte o Pitoresco como antecipação de uma compreensão estática da paisagem, o estudo de Pevsner parece sugerir justamente o contrário. Sua visão antecipa o uso do movimento na representação da paisagem. Através da fotografia sequencial ele antecipa o uso do vídeo e da animação digital. A insuficiência dos métodos tradicionais de representação já havia sido apontada por ele nos meados do século XX. Consideradas as limitações tecnológicas da época, Pevsner introduziu a fotografia em série, que associada com um texto, descreve um percurso, uma dimensão além do espaço estático. Posteriormente, suas ideias serão incorporadas por Gordon Cullen no movimento Townscape, através da representação de sequências de perspectivas, nos remetendo ao recurso do *storyboard* cinematográfico.

Cristophe Girot propõe a integração de diferentes leituras num método que: **reconheça as qualidades do passado, clarifique as opacidades do presente e compreenda os potenciais futuros**. O *lugar* e o *ponto de vista* são dois conceitos que surgem como elementos a serem compreendidos. O *lugar* dentro de uma “moldura auto-referenciada que qualifique e fortaleça o potencial natural de uma cidade no tempo”; e o *ponto de vista* como um parâmetro subjetivo que deve se tornar parte integral do processo de desenho. Como na mecânica quântica, o fenômeno observado depende da posição do observador.

Para unir sensibilidade e tecnologia, poderíamos recuperar o conceito situacionista de “deriva”, frente aos novos paradigmas tecnológico e ecológico. Aquilo que foi definido como “psicogeografia” seria estendido à percepção e mapeamento do ambiente natural urbano, seja na sua presença ou ausência e representados lançando mão

de recursos tecnológicos avançados. Estaríamos promovendo a sensibilização ambiental da cidade, redefinindo a “arte da observação” e a criação de novas formas de representação através da integração de técnicas tradicionais e avançadas.

Superar a prancheta, como sugere Corner, significa avançar nos métodos de representação e operacional do projeto. Novas formas como vídeo e computação gráfica, superposição de camadas, colagem e outras, visam introduzir outros dados sensíveis e temporais. Mas devemos ir além, é necessário reafirmar o equilíbrio entre o teórico e o empírico na investigação da paisagem urbana ³⁰.

A tendência atual à virtualização das relações, sociais ou espaciais, é uma tendência real. Mais uma vez, o Pitoresco vem em nosso auxílio. É necessária uma dose grande de sensibilização para despertar o corpo e os sentidos para a vida que pulsa lá fora, além do dilúvio de informação eletrônica que flui através das redes sociais e culturais. Isto é urgente para equilibrar o sistema como um todo. Atualmente, e mais uma vez, a experiência sensória se reafirma como necessidade humana essencial.

CONCLUSÃO

O New Urbanism e o Landscape Urbanism têm contribuído bastante no debate sobre o futuro das cidades e para o restabelecimento da harmonia entre o meio construído e a natureza. No entanto é necessário reconhecer que persistem condicionamentos conceituais que os amarram ainda a paradigmas ultrapassados. É necessário que cada tendência abra espaço para novos feixes de informação capazes de responder às necessidades apontadas pela visão ecológica e permitir as mudanças necessárias em nosso modo de produzir artefatos e consumir recursos.

Se atendermos ao preceito do Pitoresco de que a primeira coisa a se conhecer antes de iniciar um projeto é o caráter do lugar, não somente outras disciplinas deverão ser incorporadas no processo do projeto, como será importante sensibilizar tanto os técnicos como a população sobre aspectos variados do lugar de forma técnica e empírica. Os dados das condições preexistentes serão fornecidos por algumas destas disciplinas como geografia, biologia, antropologia, sociologia, história, ecologia, engenharia,

³⁰ Christopher Girot; em Landscape Urbanism Reader.

arquitetura, design e também por um trabalho cultural e educativo que informe e estimule a população a expressar seus sonhos e necessidades.

O Landscape Urbanism, como apontou Grahame Shane ³¹, ainda se concentra no apagamento de padrões insustentáveis de ocupação urbana, não refletindo de forma suficiente sobre a escala humana e sobre formas urbanas mais densas. O New Urbanism por sua vez, ao focar a escala humana, deixa lacunas nas escalas e áreas tratadas pelo Landscape Urbanism.

A forma como a habitação se insere no cenário de infraestruturas naturais – e aqui queremos definir habitação não só como projeto de edifício, mas do espaço público e semipúblico com os quais se articula – é um ponto para confluência das preocupações do New Urbanism e Landscape Urbanism. Uma cidade ecológica e sustentável deve ser uma cidade voltada para a qualidade de vida das pessoas e ao mesmo tempo deve estar atenta às questões climáticas, ambientais e ecológicas. Por este critério, natureza e habitat humano se integram de forma harmonizada, orgânica e funcional, o que pode tornar as cidades mais pitorescas, humanas, ecológicas e sustentáveis.

³¹ Grahame Shane

REFERÊNCIAS

- CULLEN, G. *Paisagem Urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- ELLIS, E.C., Goldewijk, K.K., Siebert, S.; Lightman, D & Ramankutty, N. 2010. *Anthropogenic transformation of the biomes, 1700 to 2000*. *Global Ecology and Biogeography*, 19: 589-606
- GEHL, Jan. *Cities for people*. Washington DC, Island Press. 2010
- HOUGH, Michael. *Cities and Natural Process*. Londres, Routledge. 1995.
- KATZ, P. (org). *The New Urbanism. Toward an architecture of community*. Nova Iorque, Mc Graw-Hill, Inc, 1994.
- LOTUFO, José Otávio. Natureza e sociedade: Novos urbanismos e um velho dilema. *Revista Labverde n.04*. São Paulo, FAU-USP, 2012
- NESBITT, Kate. (org). *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo. Cosacnaify. 2006.
- MCHARG, Ian L.. *Projectar con la naturaleza*. Barcelona. GG, 2000.
- MOSTAFAVI, Mohsen. *Ecological Urbanism*. Baden. Lars Müller. 2010
- PELLEGRINO, Paulo R.M. ; CORMIER, Nathaniel S.. Infra-estrutura Verde: uma estratégia paisagística para a água urbana. *Em Paisagem e Ambiente n. 25*, São Paulo 2008
- PEVSNER, Nikolaus. *Visual Planning and the Picturesque*. Los Angeles, Getty Publications, 2010.
- SCHENK, Luciana B. M.. *Arquitetura da paisagem, entre o pintoresco, Olmsted e o Moderno*. Tese de doutorado. Escola de Eng. de São Carlos, USP, 2008.
- TZONIS, Alexander; LEFAIVRE, Liane. Por que regionalismo Crítico? em, *Uma Nova Agenda Para a Arquitetura*. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- WALDHEIN, Charles (organização). *The landscape Urbanism Reader*. New York. Princeton Architectural Press, 2006.

Internet

<http://landscapeurbanism.aaschool.ac.uk/>

<http://aa-landscape-urbanism.blogspot.com.br/>

<http://wsm.wsu.edu/stories/2008/Spring/1harvey.pdf>